

19

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

ABR 2026

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

19

ABRIL

2026



ÍNDICE

EDITORIAL	07	Cláudia Maio, Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista A POPULAÇÃO DE VILA NOVA DE PORTIMÃO DO SÉCULO XVI-XVII: OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO ADRO DA IGERJA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	63
Rui Ramos ANTA 2 DO ZAMBUJAL (MONTEMOR-O-NOVO): RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA	09	Victor M. Gonçalves González, Raquel Fernandes ENTRE MUSEOGRAFIA E CONSERVAÇÃO: DESMONTAGEM DE SISTEMAS EXPOSITIVOS RÍGIDOS EM PAINÉIS DE AZULEJARIA ISLÂMICA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN	71
António Carlos Valera O RECINTO DE FOSOS DE SÃO BRÁS 3 (SERPA) E O SEU CONTEXTO PERIFÉRICO À LUZ DAS ESCAVAÇÕES DE 2025 (PROJECTO <i>NUCLEUS</i>)	15	Joana Fanico, Patrícia Mestre ENTRE ESTÉTICA E MATÉRIA: UMA INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO TETO DO SALÃO NOBRE DO PALÁCIO MARQUÊS DE POMBAL	79
Helena Gomes, Ana Rita Silva, Manuel Fialho Silva Rita Dias, Lucy Shaw Evangelista VESTÍGIOS DE UMA POSSÍVEL NECRÓPOLE ISLÂMICA NO NÚCLEO HISTÓRICO DE LAGOS: DADOS ARQUEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS	33	Mara Beatriz Agosto AGAISNT (A SOLELY) HUMAN PAST: DEEP ECOLOGY AND ITS CONSEQUENCES FOR ARCHAEOLOGICAL THOUGHT IN A MULTISPECIES ANTHROPOCENE	89
Anabela Sá, Ever Calvo CASTELO E FORTALEZA DE JUROMENHA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM À INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE CONSERVAÇÃO, RESTAURO E RECONSTRUÇÃO DAS SUAS MURALHAS	43		
Cláudia Maio, Diana Dinis, Lucy Shaw Evangelista UM CASO DE AMPUTAÇÃO NA RUA ANTÓNIO LOURO, SÃO DOMINGOS DE RANA	57		



EDITORIAL

*“Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.”
[Cantata da Paz, Sophia de Mello Breyner Andresen]*

Dizia há tempos Slavoj Žižek que nos estamos a colocar à margem dos processos de investigação, escrita e leitura. Sublinhava que cada vez mais se vai pedindo à Inteligência Artificial (IA) que faça a recolha e análise de dados, que escreva o artigo, para que alguém a seguir, em vez de o ler, lhe peça para fazer um resumo do mesmo. Em suma, vamos abreviando e paradoxalmente exteriorizando às nossas produções. A uma “morte do autor” (que não a de Roland Barthes) junta-se agora também a morte do leitor. Ou melhor, autor e leitor são o mesmo.

Também há dias José Pacheco Pereira, no Público, distinguia uma velha ignorância, baseada na insuficiente escolaridade e baixa qualificação profissional, de uma nova ignorância, de gerações escolarizadas, mas iludidas e progressivamente desumanizadas pelo fascínio tecnológico de contornos patológicos. Um pouco antes, académicos reclamavam a expulsão da IA do ensino universitário.

Do outro lado a visão oposta. “Artificial intelligence (AI) is changing the research landscape through automation, data analysis, and better decision-making in various ways that are of immense help to researchers in conquering obstacles and accelerating their discoveries. From literature search to data analysis, to design experiments and manuscript writing, AI-powered tools using robotics, machine learning (ML), and natural language processing (NLP) go a long way in facilitating easy research. Technology enhances efficiency by summarizing articles, recommending publications, and pointing researchers in the right path. [...]. Training and supporting policies are needed for skill shortages and to surmount resistance to change in order for full utilization of AI in research.” (Madanchian, M.; Taherdoost, H., 2025, The impact of artificial intelligence on research efficiency, Results in Engineering.26).

É fácil ver vantagens imediatas na IA, sobretudo ao serviço do mais, mais depressa, mais eficiente, mais barato. No entanto, programas internacionais de avaliação de conhecimentos estão a registar, desde 2010, um declínio na nossa capacidade de utilizar competências cognitivas, com uma erosão do raciocínio, da memória e da concentração provocada pela submissão tecnológica.

António Carlos Valera

ANTA 2 DO ZAMBUJAL (MONTEMOR-O-NOVO): RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA.

Rui Ramos¹

Resumo:

Apresentam-se os resultados da escavação arqueológica realizada entre Outubro e Novembro de 2025 na Anta 2 do Zambujal, em Montemor-o-Novo, afectada por trabalhos agrícolas recentes. A intervenção arqueológica teve como finalidade caracterizar o que restava do sepulcro e reconstituir a sua planta, com vista ao restauro e reposição dos esteios na sua posição original...

Abstract:

Anta 2 do Zambujal (Montemor-o-Novo): Results of the archaeological excavation.

This paper presents the results of the archaeological excavation carried out between October and November 2025 at Anta 2 do Zambujal, in Montemor-o-Novo, which was affected by recent agricultural work. The archaeological intervention aimed to characterize what remained of the tomb and reconstruct its layout, with the objective of restoring the monoliths in their original position.

I.

A Anta 2 do Zambujal localiza-se na Herdade do Zambujal, na União de Freguesias de N.ª Sr.ª do Bispo, N.ª Sr.ª da Vila e Silveiras, concelho de Montemor o-Novo e distrito de Évora, na coordenada 38° 38'34.92" N e 8° 06'25.25", a 252 metros de altitude, sobre um substrato formado por tonalitos e granitos. O monumento encontra-se integrado num núcleo megalítico que se situa a Este de Montemor-o-Novo. Este conjunto, que se localiza a sul do Rio Almansor e a Este dos Ribeiro da Serra/Ribeiro do Carapateiro, é composto por doze monumentos relativamente dispersos por uma paisagem aplanada, situando-se a Anta 2 do Zambujal sensivelmente ao centro deste núcleo (Figura 1).

Nesta zona são conhecidos dois possíveis habitats abertos, atribuídos ao "neo-calcolítico": Zambujal, 650m a sudoeste da Anta 2 do Zambujal, e Carapateiro 3, 1500m a sul. Mais afastado para Nordeste, a 2500m e bordando este núcleo megalítico, está o Cerro do Godelo, sítio tido como povoado fortificado calcolítico. Finalmente, 2000m a Este da anta está localizado o recinto de fossos do Monte do Casão, o qual com base na cultura material registada numa sondagem, será atribuível ao Neolítico Final, conforme informação recolhida no Portal do Arqueólogo.

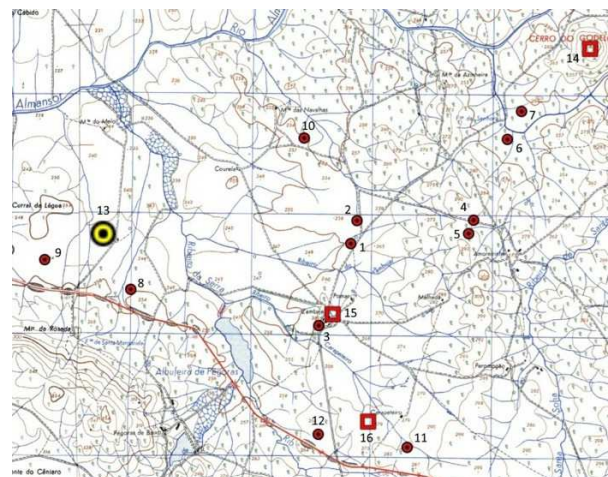


Figura 1 - 1. Anta 2 do Zambujal; 2. Anta 3 do Zambujal; 3. Anta da Herdade do Zambujal; 4. Anta da Amoreirinha 2; 5. Anta da Amoreirinha 1; 6. Anta da Fonte da Senhora 1; 7. Anta da Azinheira; 8. Anta do Casão; 9. Anta do Curral da Légua; 10. Anta das Navalhinas; 11. Anta do Carapateiro; 12. Anta Carapateiro (Anta do Zambujal); 13. Recinto de fossos do Monte do Casão; 14. Povoado fortificado (?) do Cerro do Godelo; 15. Habitat do Zambujal; 16. Habitat do Carapateiro 3.

¹ Era Arqueologia / ICAREHB (ruiramos@era-arqueologia.pt)

O Portal do Arqueólogo, onde a Anta 2 do Zambujal está referenciada com o CNS 12735, indica que em Julho de 2021 era constituída por “cinco esteios in situ e um tombado, sem laje de cobertura e vestígios do que parece ser o corredor e a mamoa”. Não existem referências a escavações arqueológicas, embora tenha sido um dos dólmenes desenhado e sumariamente descrito por Frances Lynch no âmbito do projecto “Survey of Chambered Tombs in the Neighbourhood of Evora, Portugal” realizado entre 1986 e 1990:

“Four large upright stones remain, perhaps the s side of a chamber which might have had a floor area of 12 sq. m. The tallest, perhaps the backstone is 2 m high; its neighbour is leaning towards it and may have twisted out of position; the long stone wich must have flanked the passage entrance has been broken, as has the northermost stone. Two slabs of bedrock are exposed indicating that no mound or depth of archaeological material survives” (LYNCH, 1992)

Lynch descreve a existência de 4 esteios que definem uma câmara com 12 m², sem referenciar indícios de corredor e nota que o substrato rochoso aflora em duas áreas, sendo por isso nulo o potencial estratigráfico. Remata a descrição um lapidar: *“This monument has little archaeological potential”* (Figura 2).

O registo fotográfico constante nos ficheiros Megageo, realizado por Catarina Oliveira em data que não conseguimos precisar, confirma o levantamento de Lynch e atesta o estado do monumento nas últimas duas décadas (Figuras 3 e 4).

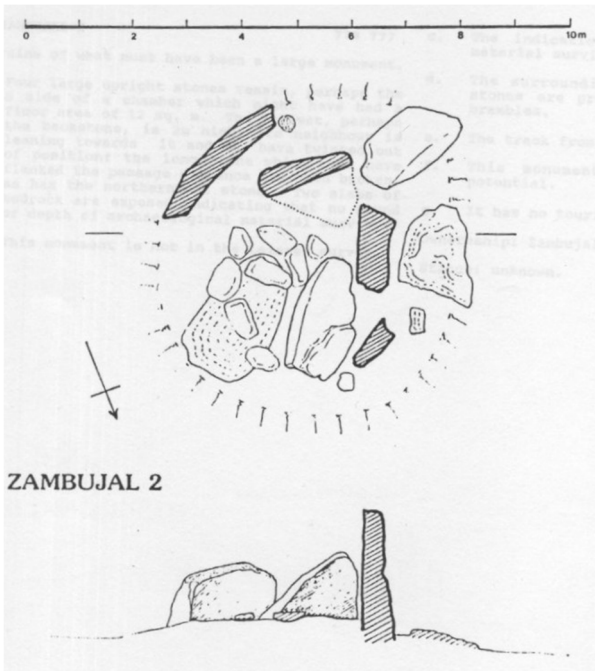


Figura 2 - Planta da Anta 2 do Zambuja no final dos anos 80, segundo o levantamento de Frances Lynch (Lynch, 1992).



Figura 3 - Perspectiva Sul-Norte da Anta 2 do Zambujal, em data desconhecida (Foto de Catarina Oliveira).



Figura 4 - Perspectiva Norte-Sul da Anta 2 do Zambujal, em data desconhecida (Foto de Catarina Oliveira).

Em Maio de 2022 o dólmen – ou o que restava dele - foi destruído no decurso da preparação mecânica do terreno para a plantação de um amendoal e todos os monólitos foram arrancados, arrastados e empilhados cerca de 3 metros a Oeste da sua anterior posição (Figura 5). Apesar disto, a acção mecânica não se desenvolveu em profundidade e a afectação sobre os depósitos que cobriam o monumento foi superficial, com excepção de uma pequena área no interior da câmara onde identificamos as marcas de um ripper no substrato base. Este incidente motivou, como medida de mitigação, uma intervenção arqueológica que teve como objectivos reconstituir a planta do sepulcro e reunir dados que permitissem traçar a sua biografia. Em fase posterior proceder-se-á à sua remontagem sobre os alvéolos remanescentes.

II.

Os trabalhos arqueológicos consistiram na escavação de uma sondagem com 43 m² que incidiu sobre a câmara do sepulcro e de duas sanjas com orientação N-S com o objectivo de aferir

a existência da mamoa (Figura 6). Identificamos alguns fragmentos de cerâmica manual e telha à superfície do terreno, conforme já referenciado nos trabalhos de prospecção (LOPES, 2022). Os esteios que aparentemente compunham o monumento foram amontoados a cerca de 3 metros a Oeste da câmara.

A camada humosa [01] com 0,10 a 0,20 m de espessura, cobria uma camada areno-argilosa de cor castanha alaranjada, mediamente compacta e muito heterogénea, [02], com 0,10 m de espessura, que ocorria dentro da câmara, que por sua vez cobria uma camada de composição areno-argilosa e coloração castanha-clara, compacta e heterogénea, com 0,10 m de espessura, à qual atribuímos a [04] e que assentava sobre o substrato base.

As duas camadas que ocorriam no interior da câmara, apresentavam um perfil regular com 0,20 m de espessura e correspondem a deposições muito posteriores à sua utilização como sepulcro, porquanto a existência de cerâmica de construção e de armazenamento e a ausência de espólio enquadrável na pré-história, o que denuncia as grandes alterações que terão ocorrido no monumento em épocas históricas.

Fora da câmara desenvolvia-se um depósito de composição areno-argilosa e coloração castanha acinzentada, mediamente compacto e heterogéneo, com 0,10 a 0,20 m de espessura, [03], que corresponde a uma camada muito revolvida que cobria os alvéolos e o depósito onde eles foram implantados (Figura 7).

Foram identificados 7 alvéolos que definem uma câmara poligonal com 3,00 metros no eixo E-O e 3,80 m no eixo N-S, a que corresponde uma área de aproximadamente 12 m², com uma entrada orientada a Este com 1,50 m de largura. O monumento seria desprovido de corredor, uma vez que não existem alvéolos no alinhamento da entrada (Figura 8).

Na metade Sul da câmara, sobre o substrato base estéril, identificamos as marcas em negativo da acção nefasta de máquinas de escavação no monumento. Apesar desta evidência, a afectação da maquinaria parece ter incidido sobretudo sobre os esteios, uma vez que os alvéolos encontravam-se bem preservados e os fragmentos de esteio associados a alguns deles apresentavam fracturas antigas que sugerem afectações anteriores a 2022.

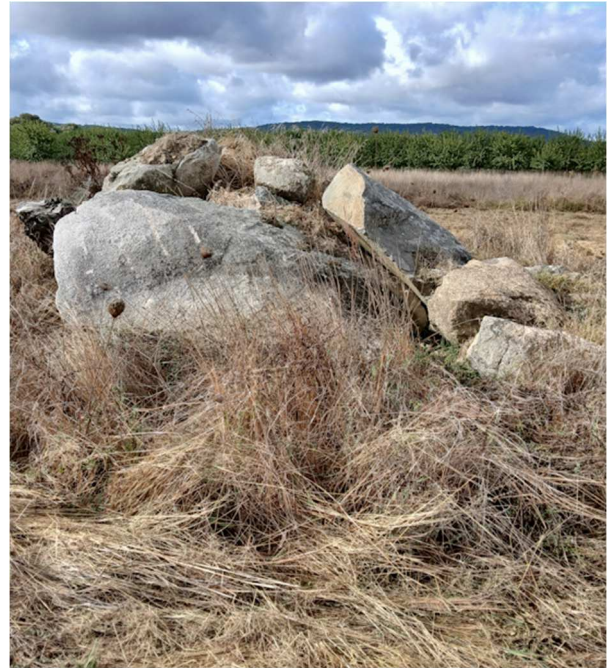


Figura 5 - Estado dos esteios aquando do início da escavação.



Figura 6 - Perspectiva da área antes do início dos trabalhos de escavação.

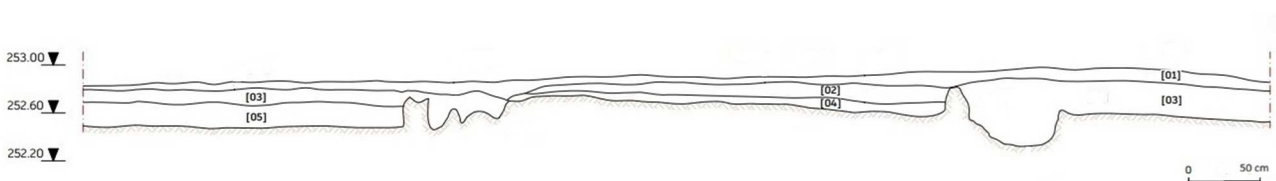


Figura 7 - Perfil N-S

Os alvéolos foram numerados de 1 a 7, no sentido do ponteiro dos relógios. Apresentavam 1,10 m (alvéolo 5) a 2,35 m (alvéolo 1) no eixo maior e uma profundidade média de 0,60 m. Em todos eles identificamos os calços pétreos relacionados com a implantação dos esteios, constituídos maioritariamente por blocos toscos de granito de pequena e média dimensão. Em quatro alvéolos – 2, 4, 5 e 7 - identificamos o fragmento basal do respectivo esteio in situ (Figura 9 e Figura 10).

O esteio de cabeceira, identificável quer na planta de Frances Lynch quer nas fotografias de Catarina Oliveira, estava implantado no alvéolo 4. Igualmente reconhecíveis na planta e nas fotografias são os esteios implantados no alvéolo 1 e no alvéolo 2. Isto leva-nos a concluir que a posição destes 3 esteios aquando dos registos, corresponderia genericamente à sua posição original. Os esteios, em granito, foram amontoados a Oeste da sua posição original aquando da destruição, o que nos impediu nesta fase de efectuar medições e compará-los com a planta e as fotografias existentes (Figura 11).

III.

O conjunto artefactual recolhido no decurso da intervenção é composto maioritariamente por cerâmica comum e cerâmica de armazenamento enquadável em períodos históricos. À ocupação pré-histórica apenas podem ser atribuídos três fragmentos de quartzo indiferenciados, uma lasca de quartzo e um fragmento distal de enxó, recolhidos na U.E. [01], onde estava incluso material de outras cronologias (Figura 12). Saliente-se também a existência de cerâmica de construção, nomeadamente fragmentos de telha, em todas as camadas que foram intervencionadas.

No depósito [04], localizado no interior da câmara, recolhemos vários fragmentos informes de cerâmica comum, com inclusão abundante de elementos não plásticos, de fraca cozedura, enquadáveis no período tardo-romano ou alti-medieval e um fragmento de talha com decoração incisa, feita com uma corda pressionada sobre a pasta fresca e que poderá ser enquadrado também em período tardo-romano ou alti-medieval (Figura 13).



Figura 8 - Plano final da câmara

IV.

Não identificamos depósitos relacionados com a construção e utilização do monumento funerário, como seja a mamoa, cuja existência é aventada na descrição constante do Portal do Arqueólogo. Quer os depósitos que foram escavados no interior da câmara quer os que foram escavados no exterior incluem materiais de época histórica. De igual modo, não identificamos vestígios osteológicos na área que foi intervencionada. A ausência de uma sequência estratigráfica formada na pré-história e a inexistência de um conjunto artefactual coetâneo com essa época, indicia que o monumento terá sofrido grandes alterações ao longo dos séculos. A prevalência de cerâmicas enquadráveis em período tardo-romano ou alti-medieval sugere uma ocupação efémera sobre o monumento em período histórico. A ausência de contextos pré-históricos preservados poderá também justificar-se pela acção dos caçadores de tesouro de antanho ou por uma intervenção arqueológica feita há muitas décadas, da qual não subsistiram registos. O que nos parece certo é que em época que não conseguimos precisar, a câmara foi limpa metodicamente até ao topo do substrato rochoso sem que os alvéolos tenham sido afectados e sem que restasse um único indício material da génese deste túmulo.

A ausência de vestígios que possam fornecer um enquadramento cronológico mais preciso, leva-nos a balizar a construção da Anta 2 do Zambujal entre o Neolítico e o Calcolítico

Agradecimento

O autor agradece aos arqueólogos Rui Mataloto a cedência das fotografias da Anta 2 do Zambujal existentes nos ficheiros do projecto MegaGeo e do relatório dos trabalhos de Frances Lynch e António Valera pelo esclarecimento de algumas das dúvidas que surgiram no decurso do trabalho.

Bibliografia

- CARANDINI, A. (1997) – *Historias en la tierra. Manual de excavación arqueológica*, [1ª Ed. 1981], Barcelona, Editorial Critica.
- BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*, 2 ed. [1ª Ed. 1977], London, Batsford Book.
- HARRIS, E. C (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*, [1ª Ed. 1979], Barcelona, Editorial Critica.
- LOPES, G. (2022) – *Relatório Final: Instalação de Amendoal Intensivo na Herdade do Zambujal*, Policopiado.
- LYNCH, F. (1992) – *Survey of Chambered tombs in the neighbourhood of Évora, Portugal* (University College of North Wales, Bangor), Policopiado.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2026)



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)



Publicação de workshops

